



## Lazer na Literatura Internacional

### Autores:

Cristina Marques Gomes<sup>1</sup>

Mirian Rejowski<sup>2</sup>

### **Resumo**

Reconstitui a trajetória do *lazer* na literatura internacional com base nos resultados parciais da Dissertação de Mestrado intitulada *Pesquisa Científica em Lazer no Brasil – Bases Documentais e Teóricas* (GOMES, 2004), defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Discorre-se sobre o *Lazer na Literatura Internacional* enfocando-se o contexto histórico e a partir desse os principais pesquisadores, publicações, pesquisas entre países (*orçamento-tempo*), associações, periódicos, eventos, críticas em relação aos estudos, dentre outros fatos.

### **Palavras-chave**

Lazer; Lazer e Turismo; Produção Científica; Literatura Internacional.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo e Mestre em Ciências da Comunicação / Turismo e Lazer na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Docente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: [cristina@usp.br](mailto:cristina@usp.br). Rod. Amaral Peixoto, km 95, nº350, casa 61 – Condomínio Cabanas Park I – Centro - Iguaba Grande – RJ – CEP: 28960-000 / (21) 8273-5524 – (22) 2624-1634.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação / Turismo e Lazer e Livre-docente em Teoria do Turismo e do Lazer pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Docente Titular do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: [mrejowsk@ucs.br](mailto:mrejowsk@ucs.br)



## LAZER NA LITERATURA INTERNACIONAL

### INTRODUÇÃO

O presente artigo procura reconstituir a trajetória do *lazer* na literatura internacional, com o propósito de contribuir para uma nova abordagem histórica e compreensiva do fenômeno em questão, para tanto, baseia-se nos resultados parciais da Dissertação de Mestrado intitulada *Pesquisa Científica em Lazer no Brasil – Bases Documentais e Teóricas* (GOMES, 2004), defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

Discorre-se sobre o *Lazer na Literatura Internacional* enfocando-se o contexto histórico e a partir desse os principais pesquisadores, publicações, pesquisas entre países (*orçamento-tempo*), associações, periódicos, eventos, críticas em relação aos estudos, dentre outros fatos. A construção teórica, na supracitada dissertação, teve como escopo a revisão bibliográfica da literatura existente sobre a pesquisa científica em *lazer* na América Latina, Estados Unidos, Canadá e em toda a Comunidade Européia.

### Direito ao Tempo Livre e “Contornos” do Lazer

O *lazer* enquanto campo científico está atrelado ao contexto histórico e, nesse sentido, destaca-se o período que se inicia após a Primeira Guerra Mundial, com a introdução no mundo ocidental de uma jornada de trabalho de oito horas e de férias pagas, e termina com a recessão econômica da década de 1930. A reivindicação dos trabalhadores relacionada à distribuição social do “tempo” emerge a partir do início do século XX. O “uso do tempo livre” começa a ser observado como fonte de consumo pelas sociedades capitalistas. O *Movimento Trabalhista Internacional* contribuiu diretamente para a evolução no aumento do tempo livre e para uma abordagem mais racionalizada e positiva do *lazer* enquanto fenômeno social.

Em 1924, o encontro da Assembléia Geral da *Organização Internacional do Trabalho* (OIT) foi dedicado ao *lazer*. Neste foram solicitadas aos governantes de diferentes nações informações específicas sobre as atividades de lazer dos trabalhadores em seus países. Esse material empiricamente coletado apresenta-se como o primeiro estudo, com a mesma metodologia, realizado entre países, e foi publicado, no mesmo ano, na *International Labour Review*.



Segundo Mommaas e col. (1996), esse interesse internacional no *lazer* foi precedido pela pioneira publicação de George Bevens em 1913 sobre o tempo livre dos trabalhadores no Estado de Nova York, e seguido por uma série de projetos de pesquisa sobre o mesmo assunto em vários países (por exemplo, na França, na Bélgica, na Alemanha, na Holanda e na União Soviética).

Anteriormente a este período, em 1899 nos Estados Unidos, Thorstein Veblen publica *Leisure Theory Class* e, em 1880, na França, Paul Lafargue escreve *Le Droit à la Paresse*: primeiro “panfleto” a favor dos operários. Este último, nascido em 1842 em Santiago de Cuba, aos nove anos mudou-se para a França, onde, posteriormente, frequentou o curso de Medicina e casou-se com Laura, filha de Marx, com a qual teve três filhos que morreram jovens. Tal fato fez com que Lafargue abandonasse a medicina e dedicasse sua vida à política, sofrendo influências das ideologias socialistas. Segundo De Masi (2001): proclamando o direito ao ócio como única forma de equilíbrio existencial, Lafargue não se posicionou contra o trabalho em si (o qual, ao contrário, considera “um ótimo tempero para o ócio”), mas o contrapôs a outros direitos, então defendidos para os operários: o *direito ao trabalho*, reivindicado pelos revolucionários de 1848; o *direito à preguiça*, defendido por Moreau-Christophe; o *direito ao lazer*, de que muitos já então tratavam; e o *direito ao prazer*, que será teorizado mais tarde por Henri Rochefort.

Os dois livros (*Leisure Theory Class* e *Le Droit à la Paresse*) tiveram uma importância significativa, após o trabalho de Marx, e representavam duas concepções opostas de socialismo. Para Dumazedier (1975) têm-se duas abordagens: Lafargue descobriu o lazer numa concepção moderna do trabalho, onde a dignidade do trabalhador é fundamental. Prefigurava, a seu tempo, a civilização do tempo livre. Veblen propôs exatamente o contrário. Filho de camponeses da Noruega, emigrados para os Estados Unidos no fim do século XIX, à procura de prosperidade, defendeu o princípio do “trabalho-com-as-mãos” como o ideal. Ataca a burguesia ociosa como Lafargue, mas sonha em fazer a todos trabalhadores manuais. Para os socialistas da corrente de Veblen, para quem o socialismo é sobretudo trabalho, o tempo liberado é recusado. Para a outra tendência socialista enquadrada por Lafargue, o tempo liberado é aceito, considerando que o futuro da sociedade industrial é cada vez mais a predominância do tempo livre sobre o tempo de trabalho, para o consumo de trabalhadores.



A *American National Recreation Association*, fundada em 1906, foi a primeira organização profissional voltada ao *lazer* nos Estados Unidos. A partir de então, inclusive em outros países, algumas instituições internacionais direta e indiretamente relacionadas ao *lazer* foram criadas como, por exemplo, a *World Association for Adult Education* (1918), a *Socialist Workers Sport International* (1920) e o *International Office for Allotments and Workers Gardens* (1926).

O socialista francês Albert Thomas, no primeiro *Congresso Internacional do Tempo Livre dos Trabalhadores*, que aconteceu em Liège em 1930, propôs o estabelecimento de um comitê internacional sobre o tempo livre vinculado a OIT. Tal comitê foi oficialmente instalado durante o segundo congresso, que aconteceu em Bruxelas em 1935, mas não progrediu, em função principalmente das diferenças políticas existentes entre os países europeus (totalitaristas e democráticos).

Além disso, a recessão econômica da década de 30, e o aumento da competitividade internacional, impediram o desenvolvimento de uma política supra-nacional de tempo livre, mas no lugar estimulou soluções nacionais. Também durante este período, a noção de tempo livre tornou-se cada vez mais equivalente ao consumo ou o sonho de um paraíso consumista (CROSS citado por MOMMAAS e col, 1933, p. 77).

O *lazer* enquanto objeto de estudo começa a adquirir “contornos” a partir do reconhecimento do direito ao tempo livre adquirido após a Primeira Guerra Mundial, quando novos objetivos foram traçados, devido à liderança de pesquisadores sociais, para os quais as “brincadeiras”, a “recreação” e o “lazer” deveriam ser planejados cientificamente. O vocábulo *lazer*, sempre associado ao trabalho, começa a ser citado com maior frequência em índices de livros, periódicos e jornais.

Nas sociedades industriais do tipo socialista, os estudos sobre o *lazer* (ou o tempo livre) conhecem igualmente um novo desenvolvimento: na U.R.S.S., de 1956 a 1962, a passagem progressiva da jornada de 8 horas à jornada de 7 horas suscita um recrudescimento de pesquisas sobre os orçamentos-tempo e as atividades do tempo livre; dentro da perspectiva de Strumilin, surge os trabalhos de G.A Prudenski (*O Tempo e o Trabalho* - 1964), G. Petrosjan (*O tempo fora do trabalho dos trabalhadores* - 1956), V. Patrushev (*Time as an Economic Category* - 1966), B. Gruschin (*O tempo livre: duração*, 1967) e L. Gordon (1969). É na Iugoslávia que a primeira enquête sobre o *lazer* ocorre dentro de um contexto socialista segundo os métodos da mais moderna sociologia empírica (V.Ahtik, 1960). Este trabalho foi seguido neste país por numerosas outras pesquisas, particularmente as de Mihovilovitch (1967-1972). A sociologia empírica do *lazer* e da cultura de massa conheceu igualmente um notável desenvolvimento na Polônia, a partir de 1956 (k.Zygułski, Z. Skorzynski, A Olzewska) e, na Tchecoslováquia, sobretudo em torno de uma



pesquisa dirigida por B.Filipcova (O Trabalho e o Lazer, 1964) (DUMAZEDIER, 1999).

Uma geração de acadêmicos sociais passou a desenvolver um interesse científico-empírico pelo *lazer* como forma de entender a sociedade estimulando, segundo Mommaas e col. (1996), não apenas uma crescente exigência de instituições públicas por conhecimento científico na área, mas também uma forte convicção de que o aumento da penetração social-científica no dia-a-dia das pessoas melhoraria a formulação efetiva e a avaliação das políticas públicas. Na Holanda, Kruijt e Sternheim são bons exemplos dessa nova geração e abordagem. Sociólogos americanos como George Lundberg e Robert e Helen Lynd diziam que o *lazer* era um fenômeno "moderno" e que as suas dinâmicas sociais ainda não eram conhecidas. Logo, alguns institutos começaram a incluir o estudo do *lazer* em seus programas científicos, como por exemplo, o *Frankfurter Institut für Sozialforschung*, na Alemanha.

Os estudos até então realizados de forma isolada em alguns países adquirem novas conotações com a introdução de uma técnica utilizada para avaliar “como” as pessoas empregam seu “tempo” (com trabalho remunerado, trabalho doméstico, cuidados pessoais, sono, recreação e/ou o uso do *lazer*), intitulada *orçamento-tempo*. Essas pesquisas eram gradualmente aplicadas por estudiosos tanto da área da Sociologia como da Economia e da Psicologia, com origem na Grã-Bretanha, na União Soviética, nos Estados Unidos, na França e na Alemanha, além de alguns países, que realizavam pesquisas mais esporádicas, como a Holanda e a Bélgica.

O alastramento dessa nova perspectiva racionalizada do tempo que tinha se desenvolvido no contexto da organização industrial e no embate social entre o trabalho e o capital foram realçados pela introdução de estudos de tempo e movimento cronometrados em programas de administração científica industriais. Foram influentes os trabalhos de Ferdinand Le Play, Ernst Engel e Franklin Giddings. [...] No contexto do capitalismo industrial, o tempo tornou-se dinheiro, e agora o dinheiro substituíra o tempo nas análises de orçamento. [...] Assim, um pouco depois da introdução, por Frederick Taylor, de estudos do tempo na análise do processo do trabalho, uma visão similar, racionalmente calculável do uso do tempo marca o início internacional do interesse acadêmico pelo *lazer* (MOMMAAS e col., 1996).

### **Autonomia do Lazer como Objeto de Estudo Científico**

Um outro período histórico relacionado ao *lazer* pode ser observado a partir da metade dos anos 1950, em meio à reconstrução física e econômica da Europa,



terminando na “riqueza”, na “cultura de consumo” e nas políticas de “bem-estar social” do final dos anos 1960 e início dos 1970. Cada vez mais, o *lazer* adquire uma certa autonomia e passa a ser considerado um direito individual e socialmente democrático, num sistema de produção antes aliado somente ao trabalho. Por este viés, existia uma correlação direta do *lazer* com a cultura de consumo que impulsionou muitos debates entre sociólogos. Alguns estudiosos como Dumazedier, Friedmann, Aron, Riesman, Meyersohn, Wilensky, Meld e Schelsky começam a considerar o *lazer* como um importante objeto de estudo científico (MOMMAAS e col, 1996).

Alguns aspectos conceituais, no entanto, sempre produziam controvérsias. Para Joffre Dumazedier, por exemplo, o *lazer* era um produto específico da industrialização, diferentemente da posição de Marie Françoise Lafant em *Les Théories du Loisir* e Sebastian de Grazia em *Of time, Work and Leisure*. Lanfant e De Grazia consideravam que os fundamentos históricos do *lazer* são anteriores à sociedade industrial, porque os homens sempre tiveram um tempo de trabalho e outro de não-trabalho. Posteriormente, Joffre Dumazedier (1976) conceitua o *lazer* como “um conjunto de atividades desenvolvidas pelos indivíduos seja para o descanso, seja para o divertimento, seja para o seu desenvolvimento pessoal e social, depois de cumpridas suas obrigações profissionais, familiares e sociais”.

Para Szalai (citado por Mommaas e col., 1972, p.9), o *lazer*, ou a sua falta, é o tema central de vários estudos:

[...] de *orçamento e tempo* tocados desde a Segunda Guerra Mundial em praticamente todos os países onde a pesquisa social tem alcançado um certo estágio de desenvolvimento. [...] A abreviação da jornada diária ou semanal de trabalho e o aumento do tempo de vida médio para muito além da aposentadoria, as longas horas passadas viajando para o local de trabalho ou então sentado em frente a um programa de televisão, a crescente necessidade de educação adulta e a eterna escravidão doméstica das donas-de-casa e mães apesar de todo o advento das comidas congeladas ou pré-cozidas, equipamentos de cozinha e modernização das lavanderias, todos esses fatores tinham contribuído para tornar o *lazer* um pouco mais complicado e também um problema mais generalizado do que era na época em que os trabalhadores tinham simplesmente de lutar contra longas horas de trabalho, que lhes deixavam tempo insuficiente até para suas necessidades pessoais mais imediatas.

O avanço tecnológico impulsionou o *lazer* doméstico e muitos pesquisadores anunciaram o surgir de uma “sociedade do *lazer*”, na qual uma revolução cultural e não política libertaria os trabalhadores, trazendo, pelo rádio e pela tv, informações que



tiveram como efeito uma mudança de valores. Verifica-se, pois, nas nações ocidentais, um aumento do consumo aliado a uma maior oferta de programas e atividades de lazer. O foco das pesquisas somente nas relações entre o trabalho e o *lazer* volta-se à análise dos espaços recreativos em alguns centros urbanos, ou seja, clubes, associações, etc. Os pesquisadores adquirem uma postura que associava o planejamento racional à investigação empírica do *lazer*, impulsionados pelo surgimento de novas profissões, como o trabalho recreativo, e como resultado, os primeiros cursos de *lazer* e/ou recreação apareceram no currículo da educação superior

Com base em tudo isso, em muitos países ocidentais a pesquisa do lazer recebeu um *status* maior e prioridade nas Ciências Sociais e ganhou o apoio de pessoas-chave e instituições importantes. Centros nacionais de pesquisa científica, redes, periódicos e projetos foram abertos e revistas publicadas (MOMMAAS e col, 1996).

Surgem organizações internacionais como a *World Leisure and Recreation Association* (WLRA), a *European Leisure and Recreation Association* (ELRA), a *The Australian and New Zealand Association for Leisure Studies*, a *Fundacion Colombiana de Tiempo Libre & Recreacion*. Dentre essas se destaca a WLRA como:

Uma organização internacional não-governamental cujo objetivo é promover condições ideais de lazer para o desenvolvimento humano e o bem-estar social. Com intervalo de dois anos, a Associação organiza Congressos Mundiais que funcionam como fóruns para a troca de experiências, idéias e novas descobertas científicas. Nosso Congresso Mundial em São Paulo foi especial por inúmeras razões. Ele foi o maior e o primeiro a ser sediado em um país da América Latina. Seu tema, “Lazer e Globalização: Inclusão e Exclusão?”, suscitou a análise e o debate a partir de múltiplas perspectivas (KENYON, 2000).

Algumas ações nacionais começam a apresentar repercussões internacionais como, por exemplo, a iniciativa do *Central Bureau of Statistics* da Holanda de criar uma divisão especial de pesquisa voltada para o comportamento de lazer da população em 1954, mesmo ano em que Dumazedier cria um grupo de pesquisa em *lazer* e cultura popular na França, influenciando outros países da Europa central e meridional. Também em 1954, a primeira conferência internacional sobre o uso da Sociologia na organização do Lazer e na Educação popular aconteceu em Wegimont, na Bélgica.

Em 1955, David Riesman supervisiona a fundação de um centro de pesquisa em *lazer* em Chicago, com o apoio da comunidade científica. Outros centros nacionais de pesquisa científica também são criados e projetos específicos são promovidos, propiciando a “multiplicação” de periódicos na área e a organização de coletâneas. Uma



compilação de trabalhos intitulada *Lazer das Massas* foi publicada por Meyersohn e Larrabee em 1958 nos Estados Unidos.

Para Dumazedier (1975) o conceito de “recreação” nasceu e tomou força particular no final do século XIX nos Estados Unidos, em função da criação de diversos parques nacionais e a partir de 1950, época em que David Riesman escreveu seu livro *A Multidão Solitária*. Os valores começaram a mudar profundamente e, nesse momento, o conceito de “recreação”, de “ação recreativa”, tornou-se insuficiente para responder aos problemas que o lazer colocava, ou o que se chamou de lazer na época.

Em 1956, Dumazedier coordena o primeiro estudo comparativo europeu em *lazer* e cultura, unindo informações da Dinamarca, Finlândia, França, República Federal da Alemanha, Polônia e Iugoslávia.

A *Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura* (Unesco) relata num documento informativo para o *III Congrès Mondial Van Clé sur les Sociétés Contemporaines face au Temps Libre*, realizado em 1979, que em 1956 foi criado o *Groupe International d'Étude des Sciences Sociales et du Loisir*, a partir do *III Congrès Mondial de Sociologie* (Amsterdam), com o objetivo de coordenar as pesquisas comparativas e estudar as conseqüências sociais da industrialização em relação à evolução das necessidades de lazer nas sociedades industriais. O grupo era formado por Dumazedier da França, Anderson dos Estados Unidos, Ten Have da Holanda, Ossipov da União Soviética e Hennion, diretor do *Instituto Pedagógico da Unesco*.

Em 1965, durante a sexta *Conferência Internacional dos Sociólogos*, em Evian, um grupo de pesquisadores criou oficialmente a *Comissão de Pesquisa do Lazer* dentro do contexto da *Associação Sociológica Internacional* (ISA) que em seus primeiros anos de existência, desenvolveu um grande projeto de *orçamento e tempo* entre países, dirigido por Alexander Szalai.

Em 1968 o *Centre Européen du Loisir, de l'Éducation et de la Culture* foi desenvolvido pela iniciativa da *Conférence Régionale sur l'Éducation des Adultes et les Loisirs*, organizada pela *Commission Nationale Tchecoslovaque*. A Unesco cooperou com essa comissão nacional para publicar regularmente os resultados dos estudos e pesquisas, as ações de conferências, as conclusões das reuniões regionais e internacionais, em uma revista internacional: a *Loisir & Société*. Essa revista, editada pela Universidade de Québec, teve o propósito de unir os especialistas das Ciências Sociais do Lazer e os “homens de ação” e foi a primeira revista científica do setor com uma forte orientação internacional e comparativa (BERI, 1979).



A institucionalização de profissionais do *lazer* e o apoio político a projetos de recreação culminam com o início do *Journal of Leisure Research*, em 1969. Com foco nacional, o mesmo tinha um viés empírico e positivista com enfoque nos países anglo-saxões fora da Grã-Bretanha (Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia).

Segundo Documento informativo da Unesco (BERI, 1979), a organização conjunta da mesma com o *Conseil International de l'Education Physique et des Sports* (CIEPS), *l'Institut National des Sports de L' Education Physique et de la Récréation* (INDER) e a *Commission Nationale Cubaine pour l'Unesco*, resultou no Seminário Internacional sobre a temática do *Tempo Livre e da Recreação* em Havana, no ano de 1966.

Menciona-se a cooperação da Unesco com a *Union Mondiale des Organismes pour la Sauvegarde de l'Enfance et de L'Adolescence* (UMOSEA) que resultou na organização de numerosas reuniões, sobre o tema *Tempo Livre e Liberdade*, em 1972; a organização do Seminário sobre o tema: *Os efeitos Sociais da Cultura e do Turismo*, em Washington, 1976; a organização conjunta com o Ministério Francês da Cultura e do Meio Ambiente do *Journées Européennes du Cadre Vie*, cuja temática principal era a *Organização do Tempo*, em 1977.

Apointa-se, ainda, o pesquisador Stanley Parker (1978), que em seu livro *Sociologia do Lazer* apresenta o contexto cultural, as outras esferas da vida, o planejamento e as políticas do lazer. Na primeira parte destacam-se a visão histórica e comparativa, a abordagem sobre o lazer na sociedade industrial, a “variedade de experiências” e o lazer no ciclo vital do ser humano; na segunda o autor compara o lazer com o trabalho, a família, a educação, a religião, e por fim, em relação ao planejamento e as políticas públicas discute a relação entre os consumidores, a demanda e os fornecedores. Os três últimos itens da sua conclusão sobre o lazer e o futuro são: “uma sociedade de lazer?”, “tendências que persistem” e “a importantíssima questão dos valores”.

Alguns fatos influenciam a pesquisa em *lazer* como o lançamento do programa *Erasmus*, pela Comunidade Européia, que visava o intercâmbio de estudantes de ensino superior estimulando os contatos internacionais entre vários cursos de estudos do *lazer*, dentre outros. Pode-se citar, ainda, o *Programa de Estudos Europeus em Lazer* (PELS) em Bruxelas, Bilbao, Loughborough e Tilburg e o programa de pós-graduação *Homo Ludens in Gent*, que também contribuiu para um intercâmbio transnacional de novas idéias e abordagens sobre a temática.



## **“Tradições” Teóricas versus Críticas à Pesquisa**

A partir dos anos 1980, o enfoque dos estudos recai na continuidade das tradições acadêmicas e também em novos interesses e conceitos em torno da pesquisa em *lazer*. Segundo Mommaas e col.(1996), o *lazer* é caracterizado por palavras-chave como “profissionalização”, “fragmentação”, “pluralismo” e “transnacionalismo”. Ao mesmo tempo em que laços internacionais mais fortes eram estabelecidos na pesquisa e na educação em lazer, idéias e abordagens convencionais tornaram-se objetos de debate. O campo da pesquisa em *lazer* fragmentou-se em tentativas de defender a tradição ou de adaptar o estudo do *lazer* a novos desenvolvimentos teóricos e sociológicos. A abordagem do lazer tornou-se cada vez mais econômica e comercial, evidenciando a importância do consumo e a criação de empregos e outros benefícios para a economia urbana, regional e nacional. A necessidade de mais e melhores profissionais, juntamente com uma expectativa renascida durante o início dos anos 1980 do aumento de tempo livre e de consumo do lazer, geraram novos programas na educação superior, especialmente na Europa Central e Ocidental.

A hegemonia da pesquisa em *lazer* tornou-se sujeita às críticas vigentes. De vital importância para a subsequente pluralização das abordagens foram as primeiras Conferências Internacionais da *Associação de Estudos do Lazer* (LSA) que organizou um fórum internacional alternativo para discutir o assunto.

As primeiras críticas ao papel da pesquisa em *lazer* surgem especialmente durante os anos 1960. O primeiro ponto da crítica era político, pois, neste período, a produção e o consumo do lazer através do mercado não correspondiam mais a ideais racionalistas de intelectuais e líderes políticos. Desde que a pesquisa em *lazer* se desenvolveu no setor público, pouca atenção foi dada ao consumismo e às forças de mercado. Filósofos da Escola de Frankfurt, como Adorno, Fromm e Marcuse criticaram a cultura mercadológica e a maneira como esse processo era apoiado por pesquisadores sociais, que, por outro lado, não responderam a essa crítica neo-marxista. O segundo ponto tinha a ver com as limitações do modo como o *lazer* era conceituado e operado. Embora alguns autores, como Marie Françoise Lanfant (1972) na França, demonstrassem uma abordagem crítica, esse tipo de avaliação sobre a pesquisa em *lazer* nos anos 1960 só atingiu seu ápice na segunda metade da década de 1980 (MOMMAAS e col., 1996).



Para Marie Françoise Lanfant, autora do livro *Les théories du loisir* o “lazer nem mesmo era um objeto real de investigação e sim o produto da ideologia de modernização de alguns poucos desgarrados do verdadeiro caminho da ciência. Este era, aliás, o principal conteúdo da crítica marxista ao tema do *lazer*: que lazer é este, se a maioria da população usa o tempo que sobra do trabalho apenas para recuperar-se da fadiga? Não por acaso, esses críticos jamais aceitaram a palavra lazer, apenas tempo livre”.<sup>3</sup>

Lanfant (1972) inicia seu livro com os dizeres: “le titre de cet ouvrage les théories du loisir peut relever du paradoxe. Loin de présenter une ou des théories du loisir, il débouche sur ce que, avec un peu d’ironie, nous appellerons l’envers de la question”. A autora aborda na primeira parte os antecedentes da Sociologia do Lazer, citando, inclusive, Lafargue e Veblen; na segunda sistematiza a formação e o desenvolvimento (teses elaboradas dentro de um contexto econômico liberal, teses marxistas e a fronteira entre ambas); e por fim, analisa as críticas do campo nacional da Sociologia do Lazer. O último sub-capítulo é intitulado “Une théorie du loisir est-elle possible? L’envers de la question”. A autora também publica em 1980 na revista *Loisir & Société* o artigo *Le tourisme international, fait et acte social: une problématique*.

Le véritable problème théorique qui se pose au sociologue du loisir, ce n’est pas de constituer le loisir comme spécificité, la sociologie du loisir comme spécialité scientifique, mais d’expliquer, au fur et à mesure de ses observations, sa démarche; en d’autres termes, c’est de rendre compte de sa démarche en tant qu’elle vise à constituer le loisir comme objet pour la science (LANFANT, 1972, p. 254).

Jean Baudrillard (1975) em *A sociedade de consumo* apresenta o capítulo “O drama dos lazeres ou a impossibilidade de perder tempo”. O “tempo” é discutido e para o autor o mesmo poderia ser apenas o produto de determinada cultura e, mais precisamente, de certo modo de produção. Neste caso, encontra-se necessariamente submetido ao mesmo estatuto que todos os bens produzidos ou disponíveis no quadro do sistema de produção: o da propriedade, privada ou pública, da apropriação, do objeto, possuído e alienável, e participando, como todos os objetos produzidos de modo sistemático, da abstração retificada do valor de troca.

---

<sup>3</sup> Comunicação pessoal de Luiz Octávio de Lima Camargo sob o título “A Pesquisa em Lazer na Década de 1970” para o Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi.



Mas, o tempo? Onde reside o seu valor de uso, capaz de definir-se por uma função objetiva ou prática específica? Tal é a exigência inscrita no âmbito do tempo livre: restituir ao tempo o seu valor de uso libertá-lo como dimensão vazia para o cumular com a liberdade individual. Ora, no nosso sistema, o tempo só pode ser “libertado” como objeto, como capital cronométrico de anos, de horas, de dias, de semanas a “investir” por cada qual “a seu bel-prazer”. Por consequência, já não é “livre”, uma vez que se encontra regulado na sua cronometria pela abstração total do sistema de produção (BAUDRILLARD, 1975, p.256).

Para o autor a analogia do tempo com o dinheiro (“*time is money*”), em contrapartida, é fundamental para analisar o “nosso” tempo e o que pode implicar o corte significativo entre tempo de trabalho e tempo livre, uma vez que é nele que se baseiam as opções fundamentais da “sociedade de consumo”. Baudrillard (1975) descreve que:

O tempo constitui uma mercadoria rara, preciosa e submetida às leis do valor de troca. É o que se constata a respeito do tempo de trabalho, porque se vende e se compra. Mas, o tempo livre, para ser “consumido”, tende cada vez mais a ser direta ou indiretamente comprado. A lei do tempo como valor de troca e como força produtiva não se imobiliza no limiar do lazer, como se este escapasse miraculosamente a todos os constrangimentos que regulam o tempo de trabalho. As leis do sistema (de produção) nunca entram em férias. Reproduzem incessantemente e por toda à parte nas estradas, nas praias, nos clubes, o tempo como força produtiva. O aparente desdobramento em tempo de trabalho e tempo de lazer – inaugurando este a esfera transcendente da liberdade – constitui um mito.

O repouso, o descanso, a evasão e a distração talvez sejam “necessidades”, mas não definem por si mesmas a exigência própria do lazer, que é o consumo do tempo. O tempo livre consiste talvez em toda a atividade lúdica com que se cumula, mas é, antes de mais, a liberdade de perder o seu tempo e eventualmente de o “matar” e dispender em pura perda (não basta, portanto, afirmar que o lazer está “alienado” porque se reduz ao tempo necessário para a reconstituição da força de trabalho. A “alienação” do lazer é mais profunda: não diz respeito à direta subordinação ao tempo de trabalho, encontra-se ligado à própria impossibilidade de perder o seu tempo) (BAUDRILLARD, 1975, p.256).

A sistematização do assunto, na visão de Frédéric Munné, revela duas concepções filosóficas que influenciavam os estudos do *lazer*: a concepção burguesa, que enaltece e cultiva a moral do trabalho, representada por empíricos, teóricos e críticos e a concepção marxista, representada por ortodoxos, revisionistas e frankfurtianos. (AGUIAR, 2000).

Em seu livro *Psicosociología del Tiempo Libre: um enfoque crítico*, Munné (1980) apresenta doze capítulos: “la concepción burguesa del ocio”; “Marx y el tiempo



libre”; “las respuestas de la historia”; “una parte, llamada libre, del tiempo social”; “la temporalidad en el tiempo libre”; “en busca del sentido del tiempo libre”; “la libertad en el tiempo libre”; “los modos prácticos de la libertad en el tiempo”; “tiempo, libertad y cambio”; “el ocio burgués como práctica de del tiempo libre”; “el tiempo antilibre”; e “tiempo de integración versus tiempo de subversión”.

O autor resume as funções do *lazer* em psicoterapêuticas e socioterapêuticas, destacando as seguintes formas compensatórias, segundo Aguiar (2000): a satisfação da necessidade de prestígio e aceitação social; a distração e o prazer que amenizem a monotonia das rotinas e as pressões de uma sociedade hierarquizada e normalizada; o recolhimento para compensar a agitação e a ansiedade da vida moderna; a individualidade para o cultivo de valores pessoais que compensem a padronização de comportamentos sociais; as relações interpessoais e demais formas de sociabilidade afetiva, em grupos sociais ou de organizações de trabalhos voluntários, para compensar a ausência de atividades laborais e a formação e o aperfeiçoamento humano e profissional, e a autodeterminação e autonomia para compensar as limitações de uma vida assalariada, num sistema de produção que nos ditam as necessidades de consumo.

Analistas importantes e pelos quais tenho grande admiração, pararam neste ponto ao procederem à interpretação da dinâmica produtora do lazer. É, por exemplo, o caso de Pierre Naville, cujo livro, na minha opinião, o melhor da tradição marxista – “De L’Alienation a la Jouissance”, se situa na perspectiva de Paul Lafargue, cuja obra foi escrita em 1883, há quase um século, portanto. Numa outra perspectiva, o último livro do economista Keynes, escrito nos anos 35 – 36, faz uma análise da sociedade industrial como produtora de lazer para o final deste século. É um livro extremamente penetrante, de um dos mais prestigiosos economistas. Na mesma linha de Keynes encontramos Jean Fourastier em “A Grande Esperança do Século XX” (DUMAZEDIER, 1975).

Pode-se detectar algumas mudanças nas pesquisas em *lazer* em comparação aos modelos precedentes, dentre elas:

- o Uma abordagem baseada mais na teoria - e na história - da realidade social, envolvendo a noção de que era preciso depender não só de fatos, mas também de métodos;
- o Um forte interesse pela dimensão social e/ou coletiva do lazer;
- o Uma abordagem do lazer como um conceito relacionado a gênero e classe;
- o Um interesse pelo envolvimento ativo das pessoas na constituição de seu lazer e nos métodos interpretativos de analisar o significado do mesmo;



- o Uma atenção à política e à produção do lazer;
- o Uma séria preocupação com o lazer comercial, popular e informal, além do lazer público, sério e formal (MOMMAAS e col., 1996).

## Outras Abordagens

Novos grupos de pesquisa, que não utilizavam o *lazer* como “ponto de partida primário” e priorizavam a multidisciplinaridade, são formados, com enfoques nos Estudos Culturais, Estudos do Turismo, na Pesquisa em Esportes e em Educação Física, etc. Neste contexto, uma abordagem que “circunda” o *lazer* é a do Mihaly Csikizintmihahyi, psicólogo húngaro-americano, membro da *Academia Nacional de Educação* dos EUA e da *Academia Nacional de Ciências do Lazer*, que apresenta uma série de pesquisas que resulta nas publicações *Flow*, *The Evolving Self*, *Creativity* e *Being Adolescent*.

O livro *A Psicologia da Felicidade* inicia-se com a questão: “Quando as pessoas se sentem mais felizes?”, tratando da felicidade como algo possível de ser alcançado a partir do controle do conteúdo da consciência. Segundo o próprio autor os “melhores momentos” costumam ocorrer quando temos o corpo ou a mente completamente empenhados num esforço voluntário para realizar algo difícil e que “vale a pena”. Mihaly desenvolve o “Conceito de Fluir” como aquele estado no qual as pessoas estão de tal maneira mergulhadas em uma atividade que nada mais parece ter importância.

Os estudos desenvolvidos por este pesquisador, através do “Método de Amostragem da Experiência”, mostraram que essas “experiências máximas” eram descritas da mesma maneira por homens e mulheres, jovens e idosos independentemente da cultura, do dinheiro e do país de origem. “Qual seria o motivo de a despeito de termos atingido um progresso milagroso nunca antes sonhado, parecermos mais indefesos frente à vida do que nossos ancestrais menos privilegiados?”. A resposta parece clara: embora a humanidade tenha, como coletividade, aumentado seu poder material em milhares de vezes, ela não avançou muito no sentido de aprimorar o conteúdo de sua experiência.

No trabalho, as pessoas têm mais condições de sentirem-se aptas e desafiadas e, portanto, mais fortes, felizes, criativas e satisfeitas. No seu tempo livre, em geral, sentem que não há muito que fazer e que suas aptidões não estão sendo usadas; portanto, tendem a sentir-se mais tristes, fracas, desanimadas e



insatisfeitas. Contudo, gostariam de trabalhar menos e passar mais tempo no lazer (CZIKIZINTMIHAHYI, 1992).

Dentre os estudos provenientes do *turismo*, destaca-se a obra *Sociologia do Turismo – Para uma nova compreensão do Lazer e das Viagens* de Jost Krippendorf, professor da Universidade de Berna na Suíça e diretor do *Instituto de Pesquisas do Lazer e do Turismo*. O livro abrange quatro capítulos: o primeiro sobre o modelo existencial da sociedade industrial: trabalho, moradia, lazer e viagem; o segundo intitulado “a maquinaria das férias ou o ciclo da reconstituição”; o seguinte aborda a humanização do cotidiano e no último o autor apresenta algumas “teses para a humanização da viagem”.

Segundo Krippendorf, para este trabalho, foram influentes os estudos de Pierre Lainé (Sociólogo e Economista, fundador de *Renouveau, Associação Nacional para as Férias, o Lazer e a Cultura* em Chambéry, Paris), Paul Rieger (Teólogo protestante e Psicólogo especializado em férias, fundador e presidente do *Círculo de Estudos sobre o Turismo* em Starnberg, Alemanha), Roman Bleistein (Teólogo católico, professor de Pedagogia da Faculdade Superior de Filosofia de Munique) e Horst Opaschowski (Professor de Pedagogia do Lazer na Universidade de Hamburgo e diretor do *Instituto de Pesquisas para o Lazer - BAT*, em Hamburgo).

A chave da humanização da viagem é o novo ser humano, um ser soberano. Não mais o homem-férias, mas o homem enquanto entidade absoluta. Um ser humano que se encontrou, tomou conhecimento das próprias motivações – e das razões que o levam a viajar, que aprendeu a se olhar frente-à-frente e a relativizar a existência pessoal ao encontrar outras culturas, que cumpriu uma espécie de viagem interior, graças à qual adquiriu o saber e, portanto, a modéstia. É preciso ajudar ao despontar deste ser humano. Quando ele desabrochar, a viagem externa poderá, então, tornar-se mais humana (KRIPPENDORF, 1989).

Salienta-se, ainda, um outro pesquisador, Michel Maffesoli que em 1970 apresentou como “linha de pesquisa” a proposta da fenomenologia como método de estudo da vida cotidiana e do *lazer*. Suas obras *O conhecimento comum, A conquista do presente, O tempo das tribos e À sombra de Dionísio* marcam uma nova abordagem no pensamento científico em torno do *lazer*. Para Camargo (2001):

Efetuando-se releituras de clássicos como Marx e Durkheim, sempre contestando a causalidade única ou dominante expressa em suas teorias e resgatando autores como Simmel e Pareto, Maffesoli preconiza uma nova sociologia, que ora denomina compreensiva (como Weber) ora uma *gestalt-*



*sociologia*. Dissociado das sociologias correntes, nomotéticas, quer dizer, experimentais, quantitativas, ocupadas com o estudo do aspecto geral, regular e recorrente dos fatos, predispostas a enunciar leis, generalizar e prever, o autor se insere numa tendência minoritária surgida na década de 1920 dentro das ciências sociais, idiográfica, qualitativa, interessada no estudo de esquemas de análise e de sistemas sobre o fenômeno vivido pelos indivíduos.

Em relação às concepções internacionais sobre o *lazer*, a *Comissão de Pesquisa do Lazer* da *Associação Sociológica Internacional* desenvolve o projeto transnacional *Explicando as Características do Lazer* a partir da segunda metade da década de 1980. Durante o encontro da *Associação Mundial de Lazer e Recreação* em Marly-le-Roi, em 1984, o projeto originalmente concebido em colaboração com a Holanda e a Hungria, contou com a participação de outros pesquisadores da área.

Três publicações mostravam os resultados do projeto: *Trends in the Arts*, elaborada pelo Canadá, EUA, Porto Rico, França, Grã-Bretanha, Holanda, Hungria e Tchecoslováquia em 1987; *Trends in Sport*, com informações da Nova Zelândia, Japão, Índia, Bulgária, Tchecoslováquia, Polônia, Finlândia, Portugal, Itália, França, Grã-Bretanha, Holanda, Nigéria, Canadá e EUA em 1989 e no mesmo ano *Leisure and Life-Style* com contribuições do Brasil, Porto Rico, EUA, Grã-Bretanha, França, Bélgica, Hungria, Polônia e Japão.

O projeto apresentava, dentro de uma perspectiva positivista, segundo alguns pesquisadores, três principais áreas problemáticas: a definição de parâmetros de pesquisa (o problema das definições de *lazer* e/ou *cultura*), a falta de meios para comparar dados e o direcionamento da pesquisa (como o problema de financiamentos).

Ao mesmo tempo, a iniciativa para esses projetos vinha em sua maior parte de pesquisadores de países da Europa do Norte, com uma proeminente posição de sua comunidade acadêmica do lazer não só nacional, mas também internacional. No misturado capitalismo do norte ocidental, assim como na coletividade do norte do leste, a cena acadêmica pós-guerra tornou-se dominada pela pesquisa correlacional positivista, senão indutiva-empírica. Pela pesquisa em lazer, esse modelo mirou questões da participação no lazer, investigando o tempo e a atenção devotados por diferentes grupos de uma população nacional a facilidades de lazer. Como o modelo era baseado numa perspectiva da realidade social, tratando não apenas da cultura formal e pública, mas também das necessidades individuais de lazer. Essas tradições levaram a uma relativa negligência das questões que envolviam a produção e/ou a regulação do lazer, e prestavam pouca atenção às dimensões históricas e coletivas envolvidas (MOMMAAS e col., 1996).

Um dos projetos de pesquisa em *lazer* desenvolvido sob uma perspectiva díspar foi o *Lazer e Processos Urbanos* (BRAMHAM citado por MOMMAAS e col., 1996). A



publicação foi o primeiro produto do *Consórcio Europeu dos Estudos e da Pesquisa em Lazer*, criado em 1987. Seu objetivo era investigar as políticas de lazer urbano na Europa. A publicação contém treze contribuições, de seis países europeus: Grécia (Atenas), Itália (Roma), França (Lille), Bélgica (Antuérpia), Holanda (Roterdã e Nijmegen) e Grã-Bretanha (Londres, Leeds, Bradford).

O *background* comum a todas as políticas de lazer investigadas é o de uma Europa cada vez mais unificada política e economicamente, caminhando para uma reestruturação global da economia, seguida pela desintegração do equilíbrio econômico do pós-guerra dominado pelos EUA. Entre outros, essa mudança de um regime de acumulação então chamado de "Fordista" para um "Pós-Fordista" resultou na substituição de uma antiga cultura social-democrata de bem-estar social (previdência social) por uma cultura neoliberal. Em relação à provisão de lazer, isso resultou na mudança de uma abordagem de serviço social (ênfatisando potenciais do setor de bem-estar social como o esporte e a recreação) por uma em que o lazer aparece como uma ferramenta da regeneração econômica (ênfatisando o potencial econômico da cultura e do turismo) (MOMMAAS e col., 1996).

### **Considerações Finais**

Por fim, afirma-se que este texto procurou, sem “esgotar” o tema, traçar uma breve perspectiva “comum” sobre as pesquisas em *lazer* em âmbito internacional, partindo do pressuposto que a estrutura de desenvolvimento do campo científico em questão é um processo de produção coletiva, obtido a partir do intercâmbio de idéias, abordagens, metodologias e teorias acadêmicas, no formato de conferências, revistas e/ou de projetos de pesquisa internacionais sem, no entanto, desconsiderar as singularidades de cada nação no que se refere: ao conceito do *lazer* e outros termos análogos; as instituições envolvidas e, principalmente, os estudos advindos de disciplinas diversas como a Sociologia, a Economia, a Política, a Cultura, o Turismo, dentre outras.



## Referências bibliográficas

- AGUIAR, Maria de Fátima. Lazer e produtividade no trabalho. *Turismo em Análise*. São Paulo, v.11 n.2, nov, 2000.
- ANNALS of Tourism Research. Jafar Jafari (ed.).
- ATHIYMAN, Adele. The interface of tourism and strategy research: an analysis. *Tourism Management*, v. 16, n. 6, p 447-453, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1975.
- BERI, Beraho. Contribution de l'Unesco au III Congrès Mondial Van Clé sur les Sociétés Contemporaines face au temps libre (Document D'Information, Paris, 1979).
- BOGDAN, R. *Introduction to quantitative research methods. The search for meanings*. 2<sup>nd</sup> Edition. New York: Hojn Wiley and Sons, 1984.
- BRANNER, Julia (ed). *Mixing methods: qualitative and quantitative research*. Aldershot: Avebury, 1992.
- CAILLOIS, R. *O homem e o sagrado*. Coleção Perspectivas do Homem. Edições 70: Lisboa, 1988.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *A psicologia da felicidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.
- DANN, Graham; NASH, Dennison; PEARCE, Philip. Methodology in tourism research. *Annals of Tourism Research*, Menomonee: University of Wisconsin-Stout, v. 15, n. 1, p. 23-51, 1988.
- De MASI, Domenico. *Desenvolvimento sem trabalho*. São Paulo: Esfera, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A emoção e a regra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A sociedade pós-industrial*. São Paulo: Editora SENAC, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A economia do ócio / Bertrand Russel, Paul Lafargue; Domenico de Masi, organização e introdução*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- DENZIN, N; LINCOLN, Y. *Handbook of qualitative research*. Sage Publication, 2<sup>nd</sup> Edition, United States, 2001.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Teoria sociológica da decisão*. São Paulo: Sesc / Celazer, 1978.
- \_\_\_\_\_. *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel, 1994.
- \_\_\_\_\_. & RIPERT. *loisir et culture*. Paris: Seuil, 1966.
- \_\_\_\_\_. & SAMUEL, N. *Société éducative et pouvoir culturel*. Paris: Seuil, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Questionamento teórico do Lazer*. Porto Alegre: PUCRS, 1975.
- ESTUDIOS Turísticos. Madrid. Instituto de Estudios Turísticos (ed.)
- ESTUDIOS Y PERSPECTIVAS EN TURISMO. Buenos Aires. Regina Schluter (ed.)
- FRIEDMAN, G. *o trabalho em migalhas*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GOMES, Cristina Marques. *Pesquisa acadêmica em turismo no Brasil - 1990 / 2001*. São Paulo, 2001. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso)- Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes. USP.
- HALL, Michael. Tourism as subject of pos-graduate dissertation in Australia. *Annals of Tourism Research*, Menomonee, v. 18, n.3 p. 520-3, 1991.
- JAFARI, Jafar, AASER, Dean. Tourism as the subject of doctoral dissertations. *Annals of Tourism Research*, Menomonee: University of Wisconsin-Stout, v. 15, p. 407-29, 1988.
- \_\_\_\_\_. La científicaci6n del turismo. *Estudios y Perspectivas em Turismo*, Buenos Aires: CIET, v. 3, n.1, p 7-36, 1994.
- JOURNAL OF LEISURE RESEARCH. Estados Unidos. Texas A&M University (ed.)
- KENYON, Gerald S. Mensagem do Secretário Geral da WLRA. In: Congresso Mundial de Lazer, São Paulo, 1998. *Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC / WLRA, 2000.
- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo. Para uma nova compreens6o das viagens*. São Paulo: Aleph, 2000.
- LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Kairós, 1983.
- LANFANT, Marie-Françoise. *Lês Théories du Loisir*. Paris: Presses Unviersitaires de France, 1972.



- LOISIR & SOCIÉTÉ. Québec: Presses de l'Université du Québec, 1978.
- MAFFESOLI, M. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- \_\_\_\_\_. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- MIRANDA, Danilo Santos de. Apresentação. In: Congresso Mundial de Lazer, São Paulo, 1998. *Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC / WLRA, 2000.
- MOMMAAS, H. et al. (org.). *Leisure Research in Europe*. London: CAB Internacional, 1996.
- MUNNÉ, Frédéric. *Psicologia del tiempo libre. Un enfoque crítico*. México: Ed. Trilhas, 1980.
- PARKER, S. *A Sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PEARCE, Douglas G.; BUTLER, Richard W. *Tourism research – Critiques and Challenges*. London and New York: Routledge, 1993.
- PRONOVOST, Gilles e D'AMOURS, Max. Les études du loisir: pour une nouvelle lecture de la société. *Loisir & Société*. Québec: Presses de l'Université du Québec, vol.13 n° 01, 1990.
- REVUE DU TOURISME. Saint Gallen. AIEST (ed.)
- RIESMAN, D. *a multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- TURISMO EM ANÁLISE. São Paulo. ECA / USP. Mirian Rejowski (ed.).
- VEBLEN, Thorstein. *A teoria da classe ociosa*. São Paulo: Pioneira, 1965.